



Revista Reflexão

ISSN: 2447-6803

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista
Religião e linguagem: entre a carnalidade da palavra e a essencialidade do sentido
Revista Reflexão, vol. 44, e194662, 2019
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: 10.24220/2447-6803v44e2019a4662

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576562672001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UNEM  redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Editorial

Religião e linguagem: entre a carnalidade da palavra e a essencialidade do sentido

Breno Martins CAMPOS¹

 0000-0001-7421-4499

Ceci Maria Costa Baptista MARIANI¹

 0000-0002-2948-5705

Não é caso raro que uma palavra adquira significados diferentes em frases ou contextos diferentes. Assim, para começo de conversa, importa-nos indicar que a palavra “mundo” é exemplo de um termo polissêmico. Convidado por nós ao diálogo, Rubem Alves² dá um sentido específico à expressão “mundo protestante” (também chamado por ele de “ideologia protestante”) ao compará-lo com o jogo de xadrez:

O objetivo do jogo do xadrez é, sem dúvida, o xeque-mate. Mas mesmo o jogador derrotado deriva prazer e excitação do seu jogo. O jogo possui uma beleza estrutural que fascina. Ele é bom para pensar. E bom mesmo para se pensar com ele.

O mesmo se pode dizer do mundo protestante.

Ele é simples, esférico, dual, constituído, irrefutável, inesgotável em suas respostas (ALVES, R.A., 1982a, p.33).

Embora a citação seja do capítulo “A ideologia protestante” do livro “Dogmatismo e tolerância” (ALVES, R.A., 1982a), arriscamos dizer, com alguma dose de plausibilidade, que o protestantismo em questão possa ser tomado como o da “Reta Doutrina” – categoria que Rubem Alves apresentou à discussão acadêmica como resultado da pesquisa publicada no livro “Protestantismo e repressão” (a edição original é de 1979, e a utilizada por nós, aqui, é de 1982). Trata-se, portanto, de certo protestantismo – o dogmático – e não daquele presidido em sua teologia e ética pelo “princípio protestante” – que o próprio Rubem Alves (ALVES, R.A., 1982b, p.41) entende como um espírito ou “atitude de permanente vigilância contra os ídolos seculares e sagrados, uma recusa de ajustar-se ao status quo, uma rebelião iconoclasta que nega obediência a qualquer ordem estabelecida”.

Segundo Cervantes-Ortiz (2005, p.43), que propôs a divisão da obra de Rubem Alves em períodos históricos, os dois livros fazem parte da mesma fase teológica do autor, de 1975 a 1982, “período de distanciamento de alguns teólogos da libertação e aproximação a um novo estilo intelectual, teológico e literário, marcado pela assimilação e pelo desdobramento do ‘cativeiro pessoal’”. Podemos aproximar “Protestantismo e repressão” e “Dogmatismo e tolerância” de uma espécie de acerto de contas de Rubem Alves com seu passado, vivido dentro de um modelo de protestantismo dogmático e repressor

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. R. Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para B.M. CAMPOS: <breno.campos@puc-campinas.edu.br> e C.M.C.B. MARIANI: <cecibm@puc-campinas.edu.br>.

² Em nossa parceria acadêmica, o *Corpus* bibliográfico de Rubem Alves tem sido um eixo transversal de pesquisas e publicações na interface da teologia com as Ciências da Religião. Sugerimos, aqui, a leitura de dois artigos nossos: “Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação” (CAMPOS; MARIANI, 2015) e “Lições do abismo: reflexões sobre teologia, mística e poesia em Rubem Alves” (CAMPOS; MARIANI, 2018).

no Brasil. Pelo menos quanto ao livro “Protestantismo e repressão”, o próprio Rubem Alves (1978), em artigo homônimo (“Protestantismo e repressão”), admite haver feito um acerto de contas com o passado.

O que caracteriza o Protestantismo da Reta Doutrina (doravante, PRD)? “Resposta: o fato de privilegiar a *concordância com uma série de formulações doutrinárias*, tidas como *expressões da verdade*, e que devem ser afirmadas *sem nenhuma sombra de dúvida*, como condição para participar na comunidade eclesial” (ALVES, R.A., 1982b, p.35, grifos do autor)³. Interessa-nos o significado que Rubem Alves confere ao PRD como estrutura cuja beleza é capaz de fascinar.

Como se estrutura o mundo protestante?

O crente é um viajante, forasteiro, peregrino. Caminha numa terra estranha e efêmera para a pátria celestial, eterna. Nas suas mãos, um mapa.

[...]

A ordem está fixada. O mapa é permanente. À esquerda, o caminho que leva ao inferno: sem Cristo. À direita, o caminho que leva ao céu: com Cristo. A questão decisiva é: como passar do caminho largo (onde todos naturalmente se encontram, em virtude do pecado), para o caminho estreito?

A resposta: por uma metamorfose da consciência do indivíduo (ALVES, R.A., 1982a, p.34).

Oferecido ao fiel pelo PRD, o “mapa do mundo” – teológico e não geopolítico como um mapa-múndi –, é a cristalização de uma ideologia; comporta-se, de certo modo, como entronização do passado no presente e fechamento institucionalizado ao futuro: “ideologias são mundos, círculos, a um tempo lares e túmulos, onde vivemos e morremos. Entrar numa ideologia é entrar num destes mundos, único, com regras próprias e cores específicas” (ALVES, R.A., 1982a, p.22). Também está colocada em questão a linguagem adotada pelos protestantes que privilegiam ou cultuam a *sã doutrina*:

Que palavras os protestantes usam? Deus, céu, inferno, salvação, Jesus Cristo, conversão, santificação, tentação, o crente, o mundo, pecado, confissão, oração – aqui estão algumas delas. E quando são usadas, um universo se constitui.

É este universo, assim constituído, que forma o mundo protestante. Ele é sagrado. Tem de ser preservado. Os neófitos passam pela cuidadosa preparação que os habilita ao jogo lingüístico [...] (ALVES, R.A., 1982a, p.29)⁴.

Compreender as linguagens que constroem mundos que fazem sentido às pessoas é tarefa legítima da Teologia e das Ciências da Religião – em diálogo necessário e contínuo com outras Ciências Humanas e Sociais. Trazemos, na sequência, dois exemplos para corroborar tal argumentação. Os leitores do capítulo “A ideologia protestante” do livro “Dogmatismo e tolerância” (ALVES, R.A., 1982a) dificilmente não se lembrarão de Peter Berger (O dossel sagrado) ao se depararem com a seguinte proposição de Rubem Alves (1982a, p.22, grifos do autor):

O *meu* mundo, único e diferente de todos os outros, é o mundo que eu conheço e chamo pelo nome. Veio a existir por meio da linguagem. Primeiro a linguagem da minha mãe, pai e irmãos, que me disseram como as coisas se chamam, e por que elas são do jeito que são.

Da mesma forma, os leitores vão associar a afirmação “houve tempos e lugares quando um homem vivia num só mundo do nascimento até à morte” (ALVES, R.A., 1982a, p.22) com Karl Mannheim (Ideologia e utopia). Ambos, Mannheim e Berger, são considerados legítimos representantes da “sociologia do conhecimento” – ferramenta teórico-metodológica de que se vale Rubem Alves em algumas de suas obras.

³ Seguindo metodologia weberiana, Rubem Alves (1982b) constrói três “tipos-ideais” de protestantismo: o da “Reta Doutrina” (*sã doutrina*), que é o objeto do livro “Protestantismo e repressão”; o do “sacramento” (mística, liturgia e sacramento); e o do “espírito” (experiência subjetiva e êxtase intenso).

⁴ A citação acima é bastante clara para demonstrar o argumento de que a palavra “mundo” (usada duas vezes) tem sentidos diferentes em frases diferentes: teologicamente, significa a parte decaída da humanidade; e, sociologicamente, o universo ideológico do protestantismo.

Ainda segundo os arrazoados de Rubem Alves, o mundo do PRD, como o jogo de xadrez, tem regras preestabelecidas que devem ser aceitas pelos “jogadores”, ou seja, nem o iniciante (neófito) nem o veterano dentro do jogo podem fugir delas. Citado por Pierre Bourdieu na discussão quanto à “gênese e estrutura do campo religioso”, Wilhelm von Humboldt propõe que:

O homem [...] apreende os objetos principalmente – poder-se-ia dizer exclusivamente uma vez que seus sentimentos e ações dependem de suas percepções –, da forma como a linguagem os apresenta. Segundo o mesmo processo pelo qual ele desfia a linguagem para fora de seu próprio ser acaba por se confundir com ela, e cada linguagem desenha um círculo mágico em torno do povo a que pertence, um círculo de que não se pode sair sem saltar para dentro de outro (BOURDIEU, 1992, p.27)⁵.

Cassirer, por exemplo, estendeu o conceito da linguagem como modo de conhecimento “a todas ‘as formas simbólicas’ e, em particular, aos símbolos do rito e do mito, quer dizer, à religião concebida como linguagem [...]” (BOURDIEU, 1992, p.27). Por conseguinte, podemos entender a religião como linguagem que constrói mundos (“cosmos” que ordena o “caos”) e que confere sentido aos habitantes deles – e, talvez, somente a eles.

Com base em Mircea Eliade e Rudolf Otto, Berger (1995, p.38) afirma que “a religião é o empreendimento humano [porque assim se apresenta como fenômeno empírico] pelo qual se estabelece um cosmos sagrado”. Por isso mesmo que o principal intuito do livro “O dossel sagrado” é “formular alguns enunciados sobre a relação entre a religião humana e a construção humana do mundo” (1995, p.15). Não por acaso, Rubem Alves (ALVES, R.A., 1982b, p.54), grifo do autor) nos lembra que

Não contemplamos a realidade face a face. Desde que nascemos, as coisas não vêm a nós em sua nudez, mas sempre vestidas pelos nomes que uma comunidade lhes deu, comunidade que já definiu como é o mundo e que, portanto, sabe o que ele é. Este conhecimento do mundo está cristalizado na linguagem.

Como qualquer outro fenômeno religioso, o PRD é construtor de um mundo, é verdade, mas também ele nasce da linguagem. Wach (1990, p.53) nos relembra que Humboldt, em sua filosofia da linguagem, explica o importante princípio de que “não só o grupo falante cria um modo de falar, mas também que a linguagem é instrumento da criação do grupo”. A relação entre a linguagem e seu mundo é de construção e influência recíprocas. De novo, é possível brincarmos com os sentidos da palavra “mundo”: “A atitude com relação ao ‘mundo’ que é determinada e motivada por uma experiência religiosa característica, influencia a apreciação que o homem faz dos aspectos básicos da existência humana e das normas de atividade humana” (WACH, 1990, p.66).

O PRD oferece sentido às pessoas que dele participam, funda e sustenta a cosmovisão de seus membros. Por exemplo, ao analisar as artes dentro do protestantismo – não somente do PRD, é verdade –, Rubem Alves (ALVES, R.A., 1982b, p.131) oferece uma explicação conceitual para a necessidade de diferenciarmos, por exemplo, o mundo protestante do mundo católico:

O Protestantismo privilegia a palavra em oposição à contemplação. Isto não é acidental. Tem raízes teológicas. Em contraposição aos católicos, que enfatizam a dimensão contemplativa e visual da experiência religiosa, os protestantes viram no segundo mandamento um interdito que lhes impôs um rigoroso ascetismo artístico. “Não farás para ti imagem de escultura”: o divino não pode ser representado. Representar o divino é idolatria. Já que o divino não pode ser representado pela forma, pela cor e pelo movimento, restou ao Protestantismo indicá-lo por meio da linguagem. Esta

⁵ Em nota, Bourdieu (1992) explica haver retirado a citação de Humboldt de sua leitura de Ernst Cassirer, na obra “*Sprache und Mythos*” (“Linguagem e mito” foi publicado no Brasil pela Editora Perspectiva).

é a razão por que o meio por excelência pelo qual os protestantes vivem a religião é a linguagem: eles pregam, eles ouvem, eles cantam (ALVES, R.A., 1982b, p.131).

A propósito do papel e lugar do sermão ou prédica, Max Weber (1994, p.318) afirma que “o sermão ganha maior importância [...] dentro do protestantismo no qual o conceito de sacerdote foi totalmente substituído pelo conceito de pregador” – proposição weberiana que compõe uma análise mais ampla sobre o “saber sagrado”. Weber quer nos dizer que o protestantismo, desde os primeiros movimentos, incumbiu-se de eliminar os aspectos mágicos da vida religiosa personificados no sacerdote. O saber sagrado levou à criação de uma classe de “verdadeiros pregadores”, cujo discurso alcançou proeminência em relação à experiência, contemplação, arte e magia dos leigos. Como os sermões não são inteiramente eficazes para a manutenção do discurso correto e eliminação de doutrinas estranhas, pois seus efeitos “diminuem na vida cotidiana com extrema rapidez, até desaparecerem completamente” (WEBER, 1994, p.319), evidenciamos a importância das doutrinas e dos dogmas para o PRD – na condição de portadores da verdadeira interpretação das Escrituras, lentes pelas quais todo fiel deve ler a Bíblia, com todas as consequências éticas e sociais decorrentes dessa leitura.

Com base em teses weberianas, Wach (1990) propõe que as doutrinas determinam a cosmovisão e as condições básicas da vida de seus seguidores. Ao analisar o poder integrador das doutrinas, Wach conclui que a sistematização dos dogmas em credos ou teologias é o primeiro passo, considerado natural dentro do desenvolvimento histórico, rumo a uma organização institucional, por garantir a solidariedade dos membros dentro da organização e sua união na luta contra tudo o que vem de fora. A solidariedade é o que “liga os membros entre si e os diferencia de qualquer outra forma de organização social” (WACH, 1990, p.169). Para Rubem Alves (ALVES, R.A., 1982a, p.36): “Nenhuma linguagem pode assimilar conceitos estranhos a si mesma, sem com isso, condenar-se à destruição. Conceitos estranhos são germes invasores, daí a necessidade de inquisições, os antibióticos político-sociais. Os hereges têm de ser queimados”.

Em 2005, Rubem Alves toma uma decisão ousada, e publica na íntegra o texto do livro “Protestantismo e repressão” sob o título “Religião e repressão”. De novidade mesmo, além do título, somente o texto da apresentação (“Trinta anos depois”) da nova obra, na qual podemos ler a seguinte explicação:

A tentação dos absolutos é uma característica universal do espírito humano. Todos queremos possuir a verdade. E para possuir a verdade é preciso que se a engaiole. E para engaiolar a verdade é necessário engaiolar a liberdade e o pensamento. Creio, portanto, que as conclusões deste livro transbordam os limites do protestantismo e podem ser aplicadas a outras religiões. Razão por que sugeri a modificação do título original Protestantismo e repressão, para Religião e repressão (ALVES, R., 2005, p.13).

Com todo respeito, não nos parece plausível considerar que a linguagem que constrói o mundo particular do PRD e é sustentada e reproduzida por ele, naquela relação de mão dupla já apontada, seja a mesma a construir todo o imenso universo (mundo) da religião ou das religiões. Isso, porém, não nos impede de aceitar que na maioria das religiões (e de outras instituições também) possa existir o pequeno mundo da “Reta Doutrina”.

Queremos manter o diálogo com Rubem Alves, mas, quem sabe, noutras direções também – ainda que seja um caminho de retorno, no sentido da libertação e da esperança. Para tanto, compreender as linguagens que constroem mundos e fazem sentido – tarefa das Ciências da Religião em diálogo com a Teologia – é nos colocarmos na tensão entre a carnalidade da palavra e a essencialidade do sentido, pois somente a partir das palavras circunstanciais é que podemos ter uma compreensão ampla dos elementos que são essenciais. Gesché (2004), em sua reflexão epistemológica sobre o tratado de Deus, defende que o ponto de partida para pensar Deus hoje é o testemunho. O lugar privilegiado para colocar a questão

de Deus é a experiência de fé. Assim, a linguagem se constitui num elemento fundamental, é o lugar (topos) em que a realidade se entrega a nós e, por isso mesmo, nossa primeira questão deve ser pelo que o humano experimenta e quer dizer, e como os traços aparecem na linguagem.

Assim, o estudo da questão de Deus começa inevitavelmente por um estudo da linguagem, do *quomodo* de uma linguagem. Trata-se de tomar os contornos de uma experiência: o que se passa, o que é investido pelo homem quando ele pronuncia tal palavra? Por causa disso, não se coloca mais a questão de Deus a partir de um céu ideal, atemporal, aistórico; ela é posta no terreno concreto da experiência (linguística) onde nasceu (GESCHÉ, 2004, p.29, grifo do autor).

Além de ouvir a linguagem, é preciso sondar aquilo que ela esconde. A questão linguística supõe também um projeto de ontologia da linguagem:

[...] a linguagem não é simplesmente instrumento de comunicação, exterior à realidade em causa. Ela é a “compilação” do ser, o berço onde, no homem, a realidade vem ao mundo. Tratar-se-ia, portanto, de interrogar a realidade a partir desse lugar de linguagem onde essa mesma realidade chega até nós inseparavelmente. No caso, poderíamos chamar esse projeto de ontologia da linguagem ou teologia da linguagem: Como Deus se revela na linguagem, numa palavra? (GESCHÉ, 2004, p.29).

Nessa perspectiva, o dossiê “Religião e Linguagem”, proposto pela revista “Reflexão” e organizado por nós, pretende aprofundar o debate da construção de mundo pela linguagem, e o lugar da religião ou de Deus no meio disso tudo, trazendo contribuições de cunho epistemológico – e também trabalhos resultantes de contextos empíricos particulares –, uma vez que a questão toca a relação entre as ciências empíricas da religião e as abordagens de cunho fenomenológico. Essa discussão foi e continua a ser central no âmbito da área “Ciências da Religião e Teologia”, que supõe interdisciplinaridade e, mais do que isso, inclui a integração tensa entre a racionalidade científica moderna de cunho empírico-formal e a racionalidade própria da teologia, que conta com uma inteligência para além do domínio conceitual, ou seja, aberta a uma contemplação amorosa da realidade.

O tipo de racionalidade que a teologia usa para refletir sobre a realidade à luz da fé opera alternativamente, afirma Boff (2015, p.81), entre a racionalidade de “conveniência” ou “persuasiva” e a racionalidade “demonstrativa” ou “necessitante”. A primeira trabalha com razões que evidenciam a harmonia entre a lógica divina e a humana: “Poderíamos falar da lógica da beleza em geral: é ‘belo’ que Deus tenha vindo entre os humanos, tenha assumido nosso destino e assim por diante. Aqui poderíamos parafrasear: é bastante belo para ser verdadeiro” (BOFF, 2015, p.82). Essa lógica que supera a racionalidade silogística, argumenta Boff, é a mais adequada às grandes questões humanas e, por ser um gênero de racionalidade aproximativo, é também mais adequado ao Mistério, pois o respeita em sua grandeza transcendente e em sua radical alteridade.

Em termos alvesianos, a racionalidade própria da Teologia é, antes de tudo, poética:

A teologia é um poema do corpo,
o corpo orando,
o corpo dizendo suas esperanças,
falando sobre seu medo de morrer,
da ânsia de imortalidade,
apontando para utopias,
espadas transformadas em arados,
lanças fundidas em podadeiras...
(ALVES, R., 1982, p.9).

Boa leitura (do mundo e dos textos)!

Colaboradores

Todos os autores participaram de todas as fases da escrita do trabalho.

Referências

- ALVES, R. *Variações sobre vida e morte*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ALVES, R. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- ALVES, R.A. Protestantismo e repressão. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n.3, p.199-204, 1978.
- ALVES, R.A. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982a.
- ALVES, R.A. *Protestantismo e repressão*. 2 reimp. São Paulo: Ática, 1982b.
- BERGER, P.L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAMPOS, B.M.; MARIANI, C.M.C.B. Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação. *Protestantismo em Revista*, v.36, p.3-20, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2396/2317>>. Acesso em: 2 maio 2019.
- CAMPOS, B.M.; MARIANI, C.M.C.B. Lições do abismo: reflexões sobre teologia, mística e poesia em Rubem Alves. *Estudos Teológicos*, v.58, n.2, p.466-482, 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3106>. Acesso em: 24 maio 2019.
- CERVANTES-ORTIZ, L. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Campinas: Papirus, 2005.
- GESCHÉ, A. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- WACH, J. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1994. v.1.

Como citar este artigo/How to cite this article

CAMPOS, B.M.; MARIANI, C.M.C.B. Religião e linguagem: entre a carnalidade da palavra e a essencialidade do sentido. *Reflexão*, v.44, e194662, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2447-6803v44e2019a4662>